

Revista Mídia e Cotidiano

ISSN: 2178-602X

Resenha

Volume 15, Número 2, maio/ago. de 2021

Submetido em: 04/05/2021

Aprovado em: 11/05/2021

## Cotidianos suicidas: a construção de saberes sobre jovens negros LGBTI+ em Paulo Navasconi

*Suicidal daily life: the construction of knowledge about LGBTI+ black youth by Paulo Navasconi*

*La vida cotidiana suicida: la construcción del conocimiento sobre los jóvenes negros LGBTI + en Paulo Navasconi*

Diego COTTA<sup>1</sup>

NAVASCONI, Paulo. **Vida, Adoecimento e Suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre Jovens Negros/as LGBTTIs**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

### Introdução

Divulgada na primeira quinzena de abril de 2021, a pesquisa “Efeitos da Pandemia na Alimentação e na Situação da Segurança Alimentar no Brasil”, coordenada por um grupo de pesquisadores da Universidade Livre de Berlim, na Alemanha, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade de Brasília<sup>2</sup>, revela que mais da metade dos lares brasileiros sofrem algum tipo de insegurança alimentar, ou seja, mais de 59% dos participantes entrevistados não tiveram acesso à quantidade de alimentos necessária para nutrir a família. A porcentagem representa 125,6 milhões de brasileiros e corresponde ao período do último trimestre de 2020, retratando um cenário preocupante e desolador no país.

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil); e membro do Grupo de Pesquisa “Juventude e suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF), contemplado com Edital FAPERJ de apoio a grupos emergentes de pesquisa no estado do RJ – 2019. E-mail: diegocotta@id.uff.br. ORCID: 0000-0002-5388-1652.

<sup>2</sup> Ler “Mais de 125 milhões de brasileiros sofreram insegurança alimentar na pandemia, revela estudo”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/mais-de-125-milhoes-de-brasileiros-sofreram-inseguranca-alimentar-na-pandemia-revela-estudo.shtml> Acesso em 25 abr. 2021.

Esses números são piores se comparados ao também recente estudo do “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (REDE PENSSAN, 2020). Segundo esta pesquisa, no mês de dezembro de 2020, cerca de 117 milhões de brasileiros não tinham acesso pleno e permanente aos alimentos. Os números refletem uma tragédia anunciada, já que a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018, divulgada pelo IBGE (2020), demonstrou que há três anos o país já figurava no Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas, com mais de 10 milhões de pessoas sem ter o que comer.

Os dados são alarmantes e incívicos, haja vista que é sabido que a produção brasileira de alimentos seria capaz de nutrir sua população, de modo que ninguém vivesse em situação de insegurança alimentar ou passasse fome no país. No entanto, com a priorização de sua agricultura voltada para exportação, o Brasil castiga seu povo com severa privação alimentar e espalha indignidade, escancarando um projeto de governo neoliberal despreocupado com o bem-estar social; e corroborando o aumento da extrema pobreza, que quase triplicou em insólitos 27 milhões de pessoas, isto é, 12,8% da população brasileira, segundo levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas<sup>3</sup>.

Ao debruçarmo-nos sobre os dados das pesquisas supracitadas, observamos que além do abismo que separa ricos e pobres no Brasil, em uma flagrante e severa diferenciação de classes sociais, a situação caótica em que se encontra a maioria da população brasileira tem cor e gênero. Na análise por raça ou cor da POF do IBGE (2020), por exemplo, em 15,8% do total de domicílios com insegurança alimentar grave, ou seja, com a fome propriamente dita, a pessoa de referência era autodeclarada preta. Nos domicílios com segurança alimentar, esse percentual é de 10%; além disso, mais da metade dos domicílios com famintos eram chefiados por mulheres. Já no estudo da Rede PENSSAN (2020), em 11,1% dos domicílios chefiados por mulheres os habitantes estavam passando fome, contra 7,7% quando a pessoa de referência era homem. Das

---

<sup>3</sup> Ler “Número de brasileiros que vivem na pobreza quase triplicou em seis meses, diz FGV”. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/05/numero-de-brasileiros-que-vivem-na-pobreza-quase-triplicou-em-seis-meses-diz-fgv.ghtml> Acesso em: 18 abr. 2021.

residências habitadas por pessoas pretas e pardas, a fome esteve em 10,7%. Entre pessoas de cor/raça branca, esse percentual foi de 7,5%.

Compartilho esses dados apocalípticos sobre a fome no Brasil para introduzir e destacar uma das principais questões problematizadas pelo pesquisador Paulo Vitor Navasconi (2019), em seu livro *Vida, Adoecimento e Suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre Jovens Negros/as LGBTTIs*. A invisibilidade dos marcadores sociais da diferença em pesquisas científicas é um dos principais temas abordados pelo autor. A obra, oriunda de sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Maringá (PR), lança luz sobre a inexpressividade de dados sistematizados relacionados à cor, etnia, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero. Para ele, “a construção dos saberes, bem como a produção do conhecimento, é racializada e generificada” (NAVASCONI, 2019, p.137).

### **Epistemicídio, racismo e lgbtifobia na produção de saber sobre suicídio**

Não teríamos essa riqueza de informações em relação a cor, gênero e etnia das pesquisas referentes à insegurança alimentar no Brasil se não houvesse por parte das/os pesquisadoras/es envolvidas/os sensibilidade e empatia com a temática, que muitas vezes são alcançadas por conta de suas próprias experiências pessoais. Fazendo uma analogia com a literatura especializada sobre suicídio, demonstrada por Navasconi a partir de pesquisa bibliográfica e catalogação dos resultados obtidos, percebemos que não houve uma preocupação, na maioria dos trabalhos, com a aplicabilidade dos marcadores sociais da diferença na produção de conhecimento sobre o fenômeno, a fim de dissecar os fatores e estímulos que propiciam a desistência da vida.

Navasconi bebe da fonte de uma bibliografia majoritariamente negra para problematizar a construção dos saberes relacionada ao suicídio. Vale-se, inclusive, do conceito de “pacto narcísico da branquitude” (BENTO, 2002), para justificar que há um acordo tático entre brancos para a permanência de um privilégio epistêmico. Ou seja, como a maioria do corpo docente das universidades, detentoras de autoridade e credibilidade acadêmica, é composta por pesquisadores brancos, não será surpresa que os trabalhos produzidos desconsiderem ou não valorizem os marcadores sociais da diferença como critérios analíticos, corroborando para uma visão universalista sobre determinados temas.

Verifica-se que o marcador étnico-racial tende a se tornar invisível nas discussões ou não é o objetivo proposto pelos trabalhos. Nessa perspectiva, acredito que essa invisibilidade é produto de uma lógica intencional e consciente de um modo organizacional científico, isto é, a condição precária e social que a população negra ocupou historicamente (e ainda ocupa) constituiu, ideologicamente e ontologicamente, que essas vidas fosse enquadradas como vidas de menores importâncias [sic], estabeleceram e estabelecem condições para que essas vidas não sejam reconhecidas e apreendidas como vidas dignas de direitos e cuidados (NAVASCONI, 2019, p.125).

O autor, inclusive, cita em determinada passagem do livro o despreparo dos profissionais da saúde, que não preenchem o campo “raça” com a devida atenção, prejudicando assim o monitoramento mais assertivo sobre (tentativas) suicidas no país. “É tão automático que acabamos assinalando qualquer coisa, pois não tem muita importância mesmo” (NAVASCONI, 2019, p.129), disse uma recepcionista ao seu amigo quando este solicitou um agendamento para uma especificidade em saúde. A falta de informação cadastrada e de interesse analítico por parte de pesquisadores sobre suicídio acaba por corroborar a criação de “normas e enquadramentos de inteligibilidade no que tange a população negra por meio das grandes narrativas hegemônicas, ocasionando a hierarquização de um grupo social em detrimento de outros grupos” (NAVASCONI, 2019, p.129). E vai além:

O grupo dominante não experencia tais questões, portanto, a invisibilidade, o sentimento de solidão, a não representatividade nos livros didáticos, nas grades curriculares, bem como no espaço universitário, não será um problema ou, quiçá, reconhecido ou nomeado como um problema, posto que o grupo dominante não vivencia essa realidade (NAVASCONI, 2019, p. 188).

De maneira similar, o suicídio relacionado às sexualidades também carece de informações mais estruturadas por parte da literatura especializada. Além disso, o autor discorre sobre ataques perpetrados por parte de profissionais de saúde a jovens LGBTI+ que tentam suicídio, haja vista que “as equipes estariam comprometidas com o ato de salvar vidas, e, quando um/a adolescente busca voluntariamente se matar, passa a gerar sentimentos de aversão e de hostilidade frente ao indivíduo” (NAVASCONI, 2019, p. 145).

Demonstrei em artigo publicado nos anais da Jornada Identidades, Corpos, Gêneros e Sexualidades, do evento BERRO! Expressão e Comunicação LGBT+, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o preparo que profissionais do teleatendimento do Disque Cidadania LGBT tinham que ter com as demandas advindas desse equipamento público (COTTA, 2019). Constatei que parte dos telefonemas da população LGBTI+ fluminense eram por conta de ideias suicidas, muitas delas relacionadas à lgbtifobia familiar e à sensação de não-pertencimento. Além disso, a partir de depoimento da coordenadora à época, Vera Couto, que possuía experiência com a temática por ter desenvolvido trabalho no Centro de Valorização da Vida (CVV)<sup>4</sup>, pude entender algumas práticas de acolhimento por parte das/os atendentes nessas circunstâncias, muitas vezes invisibilizadas pela grande mídia e pela literatura especializada.

A lgbtifobia, calcada na violência contra pessoas que fogem à norma cisheterossexista, certamente é um fator importante que deveria ser mais bem aproveitado na produção de conhecimento sobre suicídio. “Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs” é uma outra fonte para compreendermos melhor a temática. Trata-se de um compilado de narrativas desta comunidade que comprova os efeitos e prejuízos que uma cultura cisheteronormativa é capaz de produzir.

Entre as forças produtoras de subjetividades, destacamos a heteronormatividade e a cisgeneridade como sistemas autoritários e excludentes. Elas abarcam práticas diretivas, pautadas em saberes e ações que se utilizam, de forma aviltante, antiética e distorcida, dos campos biomédico, psicológico e religioso, invisibilizando assim outros modos de existência, ao produzirem violências diversas em nome de valores morais e anticientíficos. (...) Entre as experiências de sofrimentos narrados, estão o medo, a culpa, o ódio, a autodepreciação do desejo sexual e da expressão de gênero, a vergonha, ideias suicidas, tentativas de suicídio, entre outros (CFP, 2019, p. 204-205).

As considerações finais do Conselho Federal de Psicologia fazem coro com o que Jota Mombaça (2017) vem trabalhando em seus escritos e entrevistas. A pesquisadora

---

<sup>4</sup> O CVV – Centro de Valorização da Vida realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone (188), e-mail e chat 24 horas todos os dias. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/> Acesso em: 25 abr. 2021.

discorre sobre os esforços de transitar para fora de uma cisheterossexualidade compulsória, pois se deslocar da norma é sempre lutar contra ela, fazendo com que o tensionamento e a violência contra esses corpos sejam constantes e sistemáticos. Com extrema objetividade e complexidade de pensamento, Mombaça disseca o mundo como trauma, evidenciando a norma como um ideal regulatório que dilacera corpos e mentes em desobediência e desvio — o que impossibilita pensar a possibilidade de ser e estar no mundo desses sujeitos assujeitados antes da violência.

Àquelas de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àquelas de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àquelas de nós que fomos feitas entre apocalipses, filhas do fim do mundo, herdeiras malditas de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àquelas de nós cujas dores confluem como rios a esconder-se na terra; àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e que nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado (MOMBAÇA, 2017, s.p.).

Certamente, muitas/os não suportam. Em diálogo com Mombaça, Navasconi escreve sobre essa vulnerabilidade na qual a comunidade LGBTI+ está inserida, já que, para o autor, “na tentativa de manutenção de um ideário social, pessoas destoantes da normatividade são violentadas todos os dias e, conseqüentemente, passam a desenvolver uma série de transtornos, medos e inseguranças, favorecendo, então, os pensamentos e ideias suicidas” (NAVASCONI, 2019, p.148).

Contudo, apesar dos marcadores sociais da diferença darem pistas de quais corpos estão em maior vulnerabilidade social e, por conseguinte, mais propensos à prática do suicídio, não devemos encarar tais marcadores como somatório de violências, com o risco de hierarquizá-las, por assim dizer. E este é outro ponto de grande destaque no livro de Paulo Navasconi, que desenvolve o imbricamento dessas vulnerabilidades que desembocam no ideário e prática suicidas, sem corroborar o senso de adição, mas de cruzamento.

### **Interseccionalidade e práticas suicidas**

A fim de investigar e compreender a construção de uma linguagem que pode funcionar como uma estratégia de sobrevivência para corpos que estão em condição de extrema violência, como é o caso de jovens gays negros afeminados, Renata Rezende e

eu introduzimos a análise do vídeo “A solidão do gay negro: desabafo e mensagem pras bichas pretas”<sup>5</sup>, do *youtuber* Spartakus Santiago<sup>6</sup>, com uma nota de pesar<sup>7</sup> divulgada pelo Movimento Unificado pela Diversidade (REZENDE; COTTA, no prelo). As condolências eram por causa do suicídio de Renys Ferreira, um jovem de 24 anos e natural de Ribeirão Preto (SP) que, segundo o texto, chegou à cidade do Rio de Janeiro em busca de emprego na área de dramaturgia, enfrentando uma realidade comum aos demais membros da Casa Nem<sup>8</sup>: “desemprego, falta de um celular para se comunicar, o estigma de quem convive com HIV e depressão”.

Em diálogo com Navasconi, o exemplo se junta ao “Interlúdio 5” de seu livro, em que o autor traz uma narrativa potente de um dos alunos de uma escola estadual de Maringá (PR). Intitulado de “As dores se entrelaçam”, a história foi compartilhada por ocasião de uma apresentação sobre a importância das ações afirmativas a uma audiência de 90 estudantes. Com uma plateia majoritariamente negra, o autor escreve sobre um depoimento que o marcou, a saber:

Não sei se vocês perceberam, mas, além de preto, eu sou bicha. E, infelizmente, por eu ser bicha e preta, fui expulso de casa no meio do ano. Agora, estou morando na casa da minha vó (...). Sabe, eu tive ideias suicidas e achei muito importante vocês terem tocado nessas questões, porque, aqui, a gente não tem com quem falar, ninguém quer saber da gente. E, como estou terminando os estudos, eu estou desesperado para arrumar um emprego para me manter e ajudar a minha vó, que já é de idade e não tem condições para me sustentar, mas fato é: ninguém quer contratar uma bicha preta e moradora do bairro mais perigoso da cidade (NAVASCONI, 2019, p. 165).

O exemplo da bicha preta afeminada, pobre, desempregada, moradora de comunidades de baixa renda e, provavelmente, vivendo em algum grau de insegurança alimentar, constitui um recorte fidedigno do conceito de interseccionalidade referente aos

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc\\_yuk](https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc_yuk) Acesso em: 11 mai. 2021.

<sup>6</sup> Spartakus Santiago é um jovem *digital influencer* baiano, formado em Publicidade e Propaganda pela UFF. Assumidamente “bicha preta”, o jovem possui um canal no YouTube que conta com cerca de 230 mil inscritos.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mudilgbt/photos/a.2342041802736046/2478465572427001/> Acesso em: 25 abr. 2021.

<sup>8</sup> Refúgio para pessoas LGBTI+, em sua maioria travestis e transexuais, que foram expulsas de suas respectivas casas por conta de orientação sexual e/ou identidade de gênero.

marcadores sociais da diferença. Indubitavelmente, até mesmo pelos exemplos aqui descritos, esses sujeitos assujeitados se encontram em um limbo, massacrados pela correlação de opressões sofridas, advindas do racismo, machismo, lgbtifobia e classismo.

Os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são, por vezes, definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Paulo Navasconi desenvolve bem o conceito de interseccionalidade difundido pela jurista, professora, pesquisadora e feminista negra Kimberlé Crenshaw. Sempre ressaltando “a necessidade de entender que as opressões não são hierárquicas, mas intercruzadas e combinadas” (NAVASCONI, 2019, p. 164). Para ele, dependendo da contextualização (histórica, social, econômica e política), as categorias de raça, gênero e classe convergirão, “produzindo assim uma complexa rede de desigualdades sociais que produzirá efeitos estruturais, políticos e subjetivos (particulares)” (Ibidem, p. 171).

O pesquisador também enxerga na teoria de Patricia Hill Collins (2015) o imbricamento de tais marcadores da opressão, sempre os entendendo não sob a perspectiva de somatório, correndo o risco de aplicá-los como categorias analíticas hierarquizáveis, mas a partir de seu correlacionamento, ainda que uns sejam mais visíveis que outros em determinadas contextualizações. Sobre isso, a feminista e pesquisadora alerta que

temos que ser cuidadosas/os para não confundirmos essa questão da primazia de um tipo de opressão na vida das pessoas com uma postura teórica que propõe a natureza imbricada das opressões. Raça, classe ou gênero podem estruturar uma situação, mas podem não ser igualmente visíveis e/ou importantes nas autodefinições das pessoas (COLLINS, 2015, p. 18-19).

A leitura atenta do livro de Navasconi permite-nos ampliar o olhar sobre os estudos de suicídio e mergulhar nos estímulos socioeconômicos e políticos que os caracterizam. Lançar luz sobre o epistemicídio e detalhar como formas outras de opressão

interferem na construção do saber sobre o suicídio são de suma importância para o desenvolvimento científico da área. Seu recorte de pesquisa, seguindo critérios científicos de revisão de literatura especializada, preocupa-nos e entristece-nos no sentido de constatar que “jovens negros LGBTTIs estão adoecendo e vislumbrando o suicídio como uma possibilidade efetiva para sanar o sofrimento” (NAVASCONI, 2019, p.128) — oriundo de uma correlação de violências e seus efeitos, como classismo, elitismo, desigualdade social, insegurança alimentar, machismo, racismo, lgbtifobia etc.

### Referências

- BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CFP. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**/Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: CFP, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata. (Org). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015.
- COTTA, Diego. Disque Cidadania LGBT: a criação do serviço telefônico de combate à lgbtifobia no Estado do Rio de Janeiro. In: Berro! Expressão e Comunicação LGBT+. Jornada Identidades, Corpos, Gêneros e Sexualidades, 2019, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Metanoia Editora, p. 120-132. Disponível em: [http://www.lacon.uerj.br/novo/wp-content/uploads/BERRO\\_Anais.pdf](http://www.lacon.uerj.br/novo/wp-content/uploads/BERRO_Anais.pdf) Acesso em: 25 abr. 2021
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos aos gêneros. **Estudos Feministas**, ano 10, 1º sem. 2002, p. 171-188.
- IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf> Acesso em: 18 abr. 2021.
- MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 11, p. 20-25, 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>. Acesso em: 3 mai. 2021.
- MOMBAÇA, Jota. **Lugar de fala e relações de poder**. Radio Afro Lins. Lisboa, 2017. Disponível em: <https://soundcloud.com/r-dio-afrolis/audio-166-lugar-de-fala-e-relacoes-de-poder-com-jota-mombaca-parte-i>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- NAVASCONI, Paulo. **Vida, Adoecimento e Suicídio**: racismo na produção do conhecimento sobre Jovens Negros/as LGBTTIs. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REDE PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.** VigiSAN Inquérito SA/IA – Covid-19, Brasil, 2020. Disponível em: [http://olheparaafome.com.br/VIGISAN\\_Inseguranca\\_alimentar.pdf](http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

REZENDE, Renata; COTTA, Diego. Spartakus midiaticado: narrativas catárticas do cotidiano de bichas pretas. **Cadernos de Gênero e Tecnologia** (UTFPR). Curitiba: No Prelo.